

Centro de Estudos Baianos

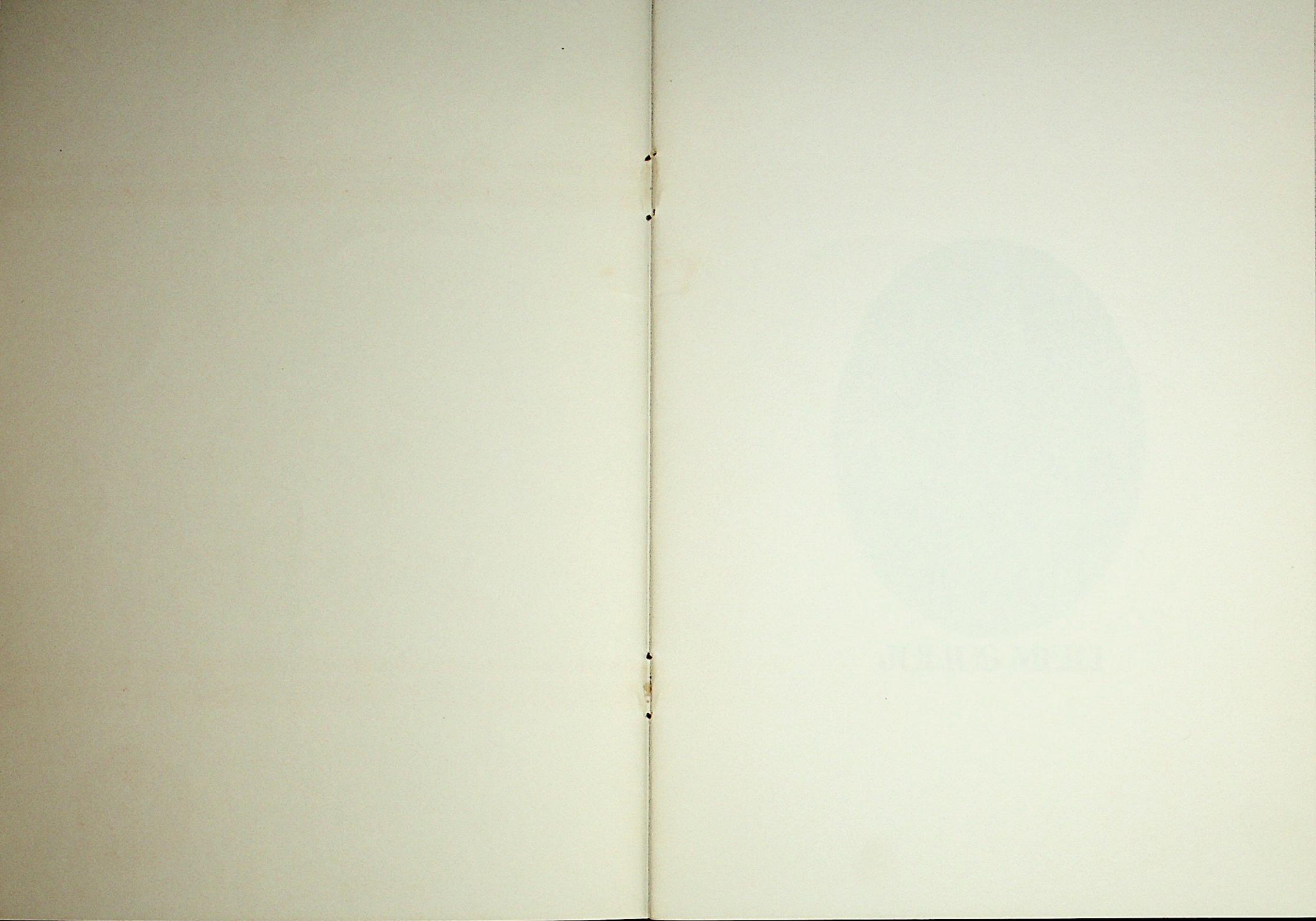
ARNOLD WILDBERGER

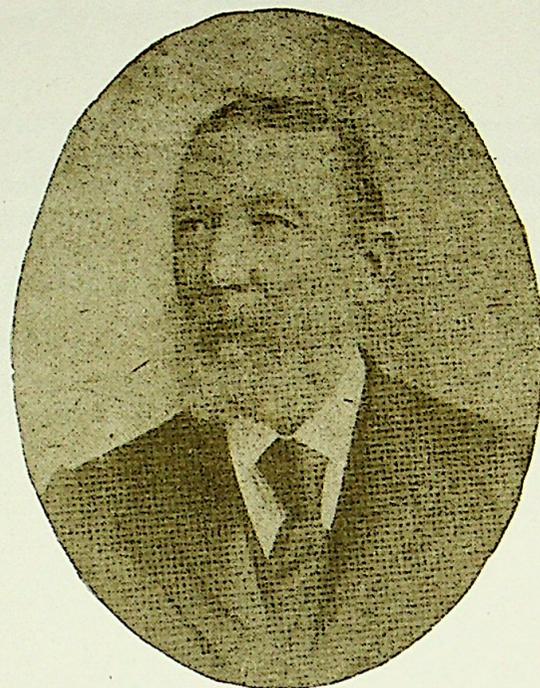
JULIUS MEILI,
PAI DA NUMISMÁTICA BRASILEIRA.

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA



30 de Abril de 1982





JULIUS MEILI

APRESENTAÇÃO

Com a publicação desta monografia, inestimável contribuição ao conhecimento da Numismática, em geral e, principalmente, da brasileira, tem o Sr. Arnold Wildberger a segunda oportunidade de colaborar com a Série Centro de Estudos Baianos.

Cabe-nos, desta vez, além de agradecer a cuidadosa elaboração deste estudo, creditar ao ilustre baiano a responsabilidade da sua edição, que marca, de modo extremamente significativo, o centenário da gestão de JULIUS MEILI, o Pai da Numismática Brasileira, no encargo de Cônsul da Confederação Helvética na Bahia, durante o período compreendido entre 1875/1881.

Salvador, 30 de abril de 1982.

Consuelo Pondé de Sena
Diretora

Arnold Wildberger

Como é sabido, o Consulado da Suíça na Bahia foi criado no ano de 1833, quando foi designado, para o posto de Cônsul, o Senhor Henry Gex, natural de Vevey, Cantão de Vaud, co-fundador e sócio solidário da casa comercial Gex & Décosterd fréres, o qual já vinha exercendo, desde 7 de outubro de 1829, a função de Vice-Cônsul do Reino das Duas Sicílias, na Bahia. A sua gestão, como Cônsul da Confederação Helvética, inicia-se em janeiro de 1834.

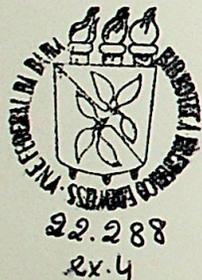
Henry Gex exerceu as funções de Cônsul da Suíça até 1842, quando o seu sócio, Auguste Décosterd, assumiu seu lugar. Em 1859, tendo Décosterd pedido demissão, é escolhido para substituí-lo Rodolphe Steffen, nomeado Cônsul da Suíça em 19 de junho de 1859. O consulado ficou somente 4 anos a cargo de Steffen, que, por sua vez, é substituído, em 1864, por Henry Brenner, tendo este exercido as suas funções até 1867. Em 1867, Brenner parte para a Europa e o consulado, entre 1867 a 1869, passa a ser gerido por diversos Cônsules ad-interim, até que, em 1869, foi nomeado pelo Conselho Federal Suíço o cidadão Emile Kohler, que era original de Lausanne, no Cantão de Vaud, e era gerente da casa Meuron & Cia., cuja firma tinha sua sede e fábrica de rapé no Solar do Unhão, hoje Museu de Arte Moderna e restaurante, fabricante do afamado rapé "Areia Preta", muito em voga então. Por motivos de ordem comercial, Kohler afasta-se da Bahia, deixando gerentes no seu lugar após o que é nomeado Cônsul na Bahia.

Hermann Friederich Julius Meili

Natural de Hettlingen, a poucos quilômetros da cidade industrial de Winterthur, no Cantão de Zurich, nascido em Hinwil a 18 de março de 1839, e filho de Friederich Meili e Anna Louise Angst; era sócio solidário da firma Cramer-Frey & Cia., de Zurich, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. A sua carta patente de confirmação de Vice-Cônsul de 28 de julho de 1875, ambas assinadas pelo Imperador D. Pedro II e referendadas pelo Visconde de Caravelas. Meili, mais

(*) Este trabalho foi escrito para comemorar o centenário da gestão de Julius Meili como Cônsul da Confederação Helvética na Bahia – 1875/1881.

92 Mei
W669



tarde considerado "O Pai da Numismática Brasileira", passou a desempenhar sua função de Cônsul da Suíça a partir de 18 de agosto de 1875, com jurisdição nas Províncias da Bahia, Sergipe e Alagoas.

Nos meus arquivos pessoais, encontro o nome de Julius Meili, pela primeira vez, nos anais da Colônia Suíça da Bahia, no ano de 1869 (tinha então 30 anos de idade), quando vemos na lista dos membros da Sociedade Suíça de Beneficência o seu nome, ano por ano, até 1881. Esta sociedade beneficente teve seus Estatutos aprovados pelo Ato de 11 de junho de 1861, passada pelo Vice-Presidente da Província da Bahia no exercício da presidência, José Augusto Chaves e, na forma do artigo 11, do Decreto nº 2711, de 9 de dezembro de 1860, foi autorizada a iniciar os seus trabalhos.

Em 1876, Meili ausenta-se da Bahia, indo dirigir a firma Cramer, Frey & Cia., do Rio de Janeiro, deixando a gerência do Consulado da Bahia a cargo do seu auxiliar Friederich Karl Isler, de Waedenswil, Cantão de Zurich, o qual exerceu esta função até 22 de março de 1881, quando Meili, tendo requerido e obtido a sua exoneração entregou o Consulado ao seu sucessor Carlo Ferdinand Keller, chefe da firma C.F.Keller & Cia., nascido em Salvador, ao Largo dos Aflitos, em 1852, e originário de Weinfeld e Winterthur, na Suíça. Essa firma era sucessora de Jezler Irmãos & Trumpy, casa fundada em Cachoeira, em 19 de janeiro de 1829, e transferida para a Cidade do Salvador em 19 de janeiro de 1830, tornando-se por sucessões diversas na atual Sociedade Anônima Wildberger, Exportação, Importação e Representações.

A numismática

Numismática é a ciência auxiliar da história, que estuda as medalhas e moedas. Por generalização, compreende o colecionismo e classificação de símbolos e valores de câmbio, incluindo o papel moeda.

Trabalhos de Meili

Exatamente na mencionada ordem — medalhas, moedas e papel moeda — Meili publicou os seus três magníficos livros (com três partes descritivas e quatro outras partes de estampas), como resultado das suas longas, ingentes e exaustivas pesquisas. Sua coleção, onde figuravam raríssimos exemplares, foi a mais completa que jamais existira em todo o Brasil.

O seu primeiro livro, intitulado "Coleção Numismática de Julius Meili. As Medalhas Referentes ao Império do Brasil, (1822 até 1889)", foi escrito em alemão e impresso em 1890, em Zurich.

Contêm as estampas das raríssimas medalhas comemorativas e as condecorações militares do Reinado de D. Pedro I, e uma completa relação das do segundo Reinado, do Magnânimo Imperador D. Pedro II, referentes à Família Imperial; à abolição da escravidão; às exposições, notadamente à Internacional de Filadélfia e outras nacionais, provinciais e municipais; às de visita de altas personalidades ao Rio de Janeiro; às fundações, inaugurações e Centenários; às Campanhas Militares; à Maçonaria; às Letras e Ciências; à Filantropia; às sociedades de esportes; e à Justiça Pública.

Principia com a medalha de 1817, de prata, comemorativa da viagem de D. Leopoldina, arquiduquesa d'Austria, primeira Imperatriz do Brasil, da Europa ao Rio de Janeiro.

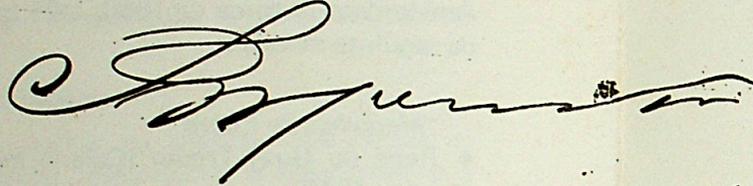
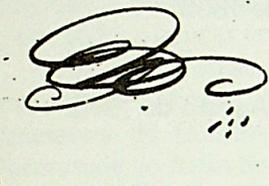
Quem quer que pretenda colecionar as medalhas do Brasil Império, não deverá fazê-lo sem consultar previamente esse alentado trabalho, que serviu de base para os primeiros catálogos da Numismática brasileira.

Meili era solteiro quando no Brasil, e deixou este País em 1892. Na ata da sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 20 de maio de 1892, deparamos com uma correspondência de que era signatário, da mesma data, dirigida àquele sodalício, agradecendo a sua admissão como sócio correspondente, e oferecendo os seus préstimos em Zurich, na Suíça, "para onde retiro-me pelo próximo pacote". Com esta carta, entregava ao I.H.G.B. um mapa do litoral do Brasil desenhado em Amsterdam a cerca de 1650, e 25 medalhas, que o I.H.G.B. catalogou da seguinte maneira:

"Medalhas de Cobre

- René du Guay-Trouin (Galerie metallique des grands hommes français - 1819)
- José Bonifácio de Andrada e Silva. Independência do Brazil, 7 de Setembro de 1822.
- O Principe de Joinville desembarcando no Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1838.
- D. Affonso Principe Imperial, nasceu a 23 de Fevereiro de 1845, falleceu a 11 de Junho de 1847.
- Fundação da Sociedade Estatística no Rio de Janeiro, em 22 de Março de 1855.
- Inauguração da Exposição Nacional no Rio de Janeiro, 2 de Dezembro de 1861.
- Monumento a João Caetano, fallecido a 24 de Agosto de 1863. Gratidão do Vasquez.

Dom Pedro Segunda, por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil etc. Faço saber aos que esta Minha Carta Patente de Confirmação virem que, Tendo em toda a Consideração as Necessidades que Sua Excellencia o Senhor Presidente da Confederação Suíça fez de Jules Meili para Vice Consul da Confederação na Provincia da Bahia, Haço por bem e Me faz confirmar ao dito Jules Meili no emprego de Vice Consul da Suíça na referida Provincia para que o sirva como deve, gozando de todas as honras, liberdades, isenções e franquias de que gozão os Vice Consules de outras Nações em identicas circumstancias. Mandado a todas as pessoas a quem o conhecimento della pertencer que o reconheçam como tal e o deixem servir o dito emprego. E para firmeza hahe Mandado passar a presente Carta Patente por Mim Assignada, e sellada com o sello das Armas do Imperio. Palacio do Rio de Janeiro aos dois dias do mez de Julio do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e quatro, tres, quinquaginta e terceiro da Independencia e do Imperio.

Viceministro del caravellas

Carta Patente pela qual Vossa Magestade Imperial Haço por bem confirmar a Jules Meili no emprego de Vice Consul da Suíça na Bahia, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Imperial Per.

- Visita de S.M. o Imperador D. Pedro II, S.A. Imperial e sua Augusta Esposa à Casa da Moeda, 17 Dezembro de 1864.
- Chegada de S.M. D. Pedro II à côrte, 1865.
- Combate Naval de Riachuelo, 11 de Junho de 1865.
- Premio da Segunda Exposição Nacional, 1866.
- Aos da Passagem do Humaitá, 19 de Fevereiro de 1868.
- (duas) da Exposição Nacional de 1875. Progresso, sendo uma Modelo pequeno e outra "ao Merito".
- Prova cunhada na Exposição Internacional de Philadelphia 1876.
- Colonia Orphanologica "Isabel" em Pernambuco fundada em 1883.
- Premio Lucena.
- Redempção do Ceará, 25 de Março de 1884.
- Redempção do Imperio do Brazil, 13 de Maio de 1888, da Sociedade Abolicionista Cearense no Rio de Janeiro.

Medalhas de Prata

- Começo do asylo para as orphãs dos honrados servidores do Estado, 7 de Setembro de 1842.
- Visita de S.M.I.D. Pedro II à Cidade do Porto, 1º de Março de 1872.

Medalhas de Chumbo

- Inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas Artes em 20 de Janeiro de 1857.
- Rendição de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.

Medalhas de Bronze

- Ccndecoração da Guerra do Paraguay, 6 de Agosto de 1870.

Medalhas de Metal Dourado

- Ao Exm. Sr. Senador Paulino José Soares de Souza, 12 de Agosto de 1857.

Medalhas de Metal Prateado

- Restauração da Irmandade de S. Francisco Xavier na Bahia em 1855".

De regresso à Mãe Pátria, Meili casou-se, a 9 de janeiro de 1893, com Katharina Anna Mathilde Schiffmann, nascida em 5 de novembro de 1864, filha de Xavier Shifmann e de Anna Maria Goy. Sua mulher faleceu em Genebra, a 17 de agosto de 1940, aos 76 anos de idade.

Publicou então o seu segundo trabalho, em dois volumes, escrito em alemão, o qual tem o título de "Das Brasilianische Geldwesen 1645 bis 1822" (As Moedas da Colônia do Brasil 1645-1822); o primeiro volume

foi publicado em 1895 e impresso por Brunner & Hauser, e o segundo, em 1897, pelo Instituto Poligráfico, ambos de Zurich, na Suíça.

É um impressionante trabalho de pesquisa histórica e numismática, que se divide nos seguintes capítulos:

- D. Pedro II – 1695/1706
- D. João V – 1706/1750
- D. José I – 1750/1777
- D. Maria I e D. Pedro III – 1777/1786
- D. João VI como Príncipe Regente – 1805/1818
- D. João VI como Rei – 1818/1822.

e onde se encontram as estampas de todas as moedas cunhadas desde 1645 até 1822 para o Brasil, em Lisboa, Porto, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio das Mortes, Sabará, Vila Rica, São Paulo, Mato Grosso, Serro Frio e Cuiabá.

Contém minudentes referências às fontes pesquisadas em Portugal, na França, na Holanda, no Brasil, etc., com um valioso documentário sobre, praticamente, todas as Leis, Cartas de Lei, Alvarás, Cartas Régias, Decretos, Provisões, Portarias e Avisos publicados em Portugal, referentes à Colônia do Brasil.

Nesse trabalho Meili refere-se também às primeiras moedas portuguesas e espanholas que tiveram curso no Brasil, mas não menciona que, em 1614, o açúcar correu como dinheiro legal no Rio de Janeiro.

Em 1640, essas moedas portuguesas e espanholas foram contramarcadas recebendo o nome de "Carimbos Coroados", medida essa da iniciativa de D. João IV, de Portugal (1605 a 1656), a fim de dar uniformidade ao meio circulante brasileiro.

Em 1645, os holandeses em Pernambuco, com falta de numerário, devido às dificuldades financeiras da guerra, viram-se obrigados a cunhar florins de ouro, e, em 1654, soldos de prata. Essas moedas foram as primeiras com a palavra "Brasil" gravada.

Como é sabido, a primeira Casa da Moeda no Brasil foi criada por D. Pedro II de Portugal (que reinou de 1648 a 1706), no ano de 1694, na Bahia, tendo funcionado aqui de 1695 a 1698, quando foi transferida para o Rio de Janeiro; em 1700 foi para Pernambuco, onde operou até 1702; nesse mesmo ano a cunhagem voltou a ser feita no Rio.

No reinado de D. João V (1689 a 1750), foram instaladas a Casa da Moeda da Bahia, em 1714, e a das Minas Gerais, em Vila Rica (atual Ouro Preto), em 1724.

Esta última cunhou, entre outras, a famosa série dos dobrões, de D. João V, de ouro, nos valores de 400 réis, 1.000 réis, 2.000 réis, 4.000 réis, 10.000 réis e 20.000 réis.

No decurso do século XVIII a produção fabulosa das jazidas auríferas de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Cuiabá levou à Metrópole um caudal de riqueza inestimável. Ao visitar-se atualmente em Lisbôa a Igreja da Madre de Deus, transformada recentemente em Museu, que é um suntuoso e riquíssimo conjunto de jacarandá e ouro, em puro estilo barroco, os guias explicam aos turistas, notadamente aos brasileiros, tratar-se de uma igreja toda construída com o ouro e o jacarandá vindos dos Brasil.

Em 1729, foram cunhadas as primeiras moedas de cobre, na Bahia, isto é, no mesmo ano em que o Príncipe do Brasil (o futuro D. José I) casou-se com a Princesa das Astúrias (espanhola de nascimento).

A abertura dos portos às nações amigas, em 1808, deu margem a um grande intercâmbio comercial, aumentando, assim, o número brasileiro.

Em 1809, criou-se o primeiro Banco do Brasil, estabelecido por alvará de 12 de outubro daquele ano, ordenando o monarca a cunhagem da moeda de prata de 3 patacas, ou seja, 960 réis. Cunharam-se também moedas de ouro de 4.000 réis e 6.000 réis. Em Vila Rica foram cunhadas as moedas de 37½ e 75 réis, de cobre, para facilitar o troco do ouro em pó nas Minas Gerais. A moeda de 37½ réis é conhecida pelo nome de "Vintem de Ouro" por sua equivalência àquele metal.

Após a independência do Brasil (7 de setembro de 1822), prosseguiu a cunhagem nos três metais: ouro, prata e cobre, sem alteração no sistema monetário — o mesmo do período colonial. No governo de D. João VI, já começava a ser emitido para o Brasil o valor de 6.400 réis do sistema português, denominado "peça". Conservando os mesmos valores, houve, entretanto, transformações quanto ao tipo, alusivo ao Imperador e aos novos símbolos nacionais.

Funcionaram durante o Primeiro Reinado a Casa da Moeda do Rio de Janeiro e da Bahia. Cunharam moedas dos mesmos tipos distinguindo-se os exemplares por meio das letras monetárias R e B.

A esse período pertence a moeda tida como uma das mais raras da coleção brasileira, a famosa "peça da coroação". Assim denominada por se tratar de moeda de 6.400 réis, cunhada com a data de 1822, para entrar em circulação no dia da coroação do Imperador D. Pedro I (1798 - 1834). Tendo o tipo desagradado o monarca, foram feitos apenas 64 exemplares, cujo averso apresenta o retrato do Imperador, à maneira romana, obra do gravador Zeferino (em fr.

Zépherin ou Zéphyrin) Ferraz (1797 - 1851). Novos cunhos foram abertos em 1823 para as moedas de ouro, pelo gravador da Casa da Moeda, Carlos Custódio de Azevedo, reparando-se neles os enganos cometidos no primeiro.

Papel Moeda

Como dito anteriormente, o papel moeda faz parte da Numismática. Sua origem conta-se do dia em que alguém, necessitando de moedas correntes, entregou a outrem um vale correspondente ao valor dessas peças, depois dado em pagamento a um terceiro, com direito de recebê-lo do emitente. Com função semelhante, circularam na Idade Média os "recibos de ourives". Eram eles comprovantes de depósitos de ouro em pó então corrente como dinheiro, por ser facilmente divisível, que certos negociantes, por motivo de segurança, confiavam aos ourives, pessoas de idoneidade reconhecida e cuja assinatura garantia os valores custodiados.

No Brasil, as "ordens de pagamento" e "ordenanças", emitidas pelo holandeses em Pernambuco foram os primeiros papéis a circular como dinheiro. Todavia postos em giro por tropas de ocupação em território muito limitado, esses papéis não têm qualquer relação com os bilhetes mais tarde emitidos no País. Os "bilhetes da extração dos diamantes" e os de "permuta do ouro" foram os primeiros papéis que funcionaram como valor de moeda, oficialmente, de 1771 até as primeiras décadas do século XIX. Depois da independência, a falsificação das moedas de cobre foi de tal monta que representou verdadeira calamidade pública. A falsificação era tão ativa na Bahia que o governo local determinou na província a substituição do cobre por cédulas em 1827.

Com efeito, na Bahia, já no governo de João Severiano Maciel da Costa, em 1827, e nos subsequentes a repressão contra os falsificadores fazia-se sentir, mais, na realidade só tomou maior vulto na presidência de João Maurício Wanderley (10-09-52 a 1-5-1855), e foram tão assinalados os serviços do futuro Barão de Cotegipe, nesse setor de sua administração da província, que o comércio agradecido colocou seu retrato a óleo (em corpo inteiro) no Salão Nobre da Associação Comercial da Bahia, dando-lhe ao mesmo tempo o título de sócio honorário.

A terceira publicação da obra de Meili tem o título de "O meio Circulante no Brasil — A Moeda Fiduciária no Brasil, 1771 até 1900" e foi impresso em 1903, na tipografia de Jean Frey, em Zurich, com

um prefácio datado de dezembro daquele ano. Compreende uma coletânea completa, em 29 páginas, das Leis, Decretos, Provisões, Portarias, Avisos e Editais, etc., que se referem ao Meio Circulante no Brasil, de 1822 a 1900, começando no fim do reinado de D. João VI, com a portaria de 31 de janeiro de 1822, "mandando aprontar na Casa da Moeda da Corte, para serem quanto antes remetidos ao Governo Prévísório de São Paulo, dois engenhos de cunhar moedas de cobre de 40 a 20 réis, assim como um fuso de sobressalente de 12 pares de cunhos de de cada um desses valores".

Revela, então, Meili, no Prefácio desse volume, que já não era mais sócio correspondente, e sim sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e explica as razões por que deu preferência à publicação desta III Parte da sua obra em língua portuguesa.

Meili nesse terceiro livro, de extrema valia para os numismatas, penetra fundo no assunto, e explica como o padrão monetário brasileiro foi-se aos pucos aviltando, a começar pelo "Novo Padrão Monetário a Rs.2\$000 a oitava de ouro de 22 quilates fixado pela Lei de 8 de outubro de 1833", caindo pela Lei de 11 de setembro de 1846" pela mudança de Rs. 2\$000 para Rs.4\$000 a oitava de ouro de 22 quilates, até chegar à República.

Com impressionante riqueza de detalhes, Meili trata da emissões legais, principiando por falar sobre os Bilhetes de Administração da Real Extração dos Diamantes (para a Capitania de Minas Gerais, 1771-1841) e as Letras, facilitando as transações para a mesma Capitania de Minas Gerais, e os "Bilhetes de permuta de Ouro em pó", até chegar à "Mono-Emissão bancária" e os bilhetes do 1º Banco do Brasil, autorizados a circular por Alvará de 12/10/1808.

Segue-se uma série de capítulos intitulados:

"Emissões Legaes:

- Bilhetes da Administração da Real Extração dos Diamantes.
- Letras facilitando as transações para a Caipitania de Minas Geraes.
- Bilhetes de Permuta de Ouro em pó na Capitania de Minas Geraes.

Mono-Emissão Bancaria

- Bilhetes do 1º Banco do Brazil.
- Bilhetes de Crédito, denominados Vales.
- Cédulas e Conhecimentos para o resgate de toda moeda de cobre da Província da Bahia.
- Conhecimento e Sedulas para o(1º) troco da moeda de cobre em todas as Províncias do Império.

- Conhecimento da República Rio Grandense
- Notas do Thesouro Nacional.

Pluralidade Bancária Emissora

- Letras ou vales dos Bancos Commerciaes para o desenvolvimento do Commercio nas Províncias, fundados no periodo de 1836 a 1853.

Unidade Bancaria Emissora

- Notas do(3º) Banco do Brazil.

Pluralidade Bancaria Emissora

- Bilhetes de mais de 6 Bancos para o auxílio do Commercio, Industria e Lavoura.

Reforma Financeira, 1860 a 1862

Cassação da Faculdade Bancaria de Emitir Notas, 1866

Pluralidade Bancaria Emissora

- Lista dos Bancos que obtiveram a faculdade de emissão de bilhetes, sobre lastro ouro, convertiveis em ouro, effectivo, 1889.
- Lista dos Bancos autorizados a emmitir Notas, pagaveis em ouro quando o cambio se mantivesse ao par ou acima do par durante um anno, 1890.

Unidade Bancaria Emissora, 1892

- Notas do Banco da República do Brazil.

Encampação das Emissões Bancárias pelo Governo, 1896

Lista do Papel-Moeda Legalmente em Giro no Fim de Dezembro de 1900

O papel-Moeda em Circulação no Fim de Dezembro de 1900 constituiu-se Portanto de:

- Obrigações de Sociedades Anonymas
- Vales de Troco Ouro, emittidos pelas Alfandegas.

Emissões ilegais:

Emissões abusivas, Ilegaes ou Criminosas

- Bilhetes emittidos por Estados.

- Bilhetes de Municipalidades.
- Bilhetes de Empresas de Onibus, Barcas e Bonds.
- Vales de Companhias e Particulares.

Appendice:

- Annuncios-Reclames.
- Bilhetes de Loteria.
- Bilhetes de Rifa.
- Bilhetes de Jogo“.

Meili faleceu em Zurich a 26 de setembro de 1907, aos 68 anos de idade. Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo LXIX — Parte II (1908) há uma referência a seu falecimento, da qual se destaca o trecho . . . “a quem o Brasil deve invidáveis serviços, pois era um dos seus maiores amigos, dando disso provas eloquentes até os últimos momentos de sua existência”.

O Dr. Alfredo de Carvalho, em 1908, pronunciou naquele soldado palestra sob o título “Julius Meili e a Numismática Brasileira”, em que traça, em vigorosas palavras de entusiasmo e exaltação, o perfil desse cidadão suíço que “veio reunindo as espécies de seu monetário brasileiro, hoje, o mais numeroso e completo que existe além e aquém mar”.

E no tomo LXX - 2ª parte, encontramos à página 806, o “Elogio Histórico a Julius Meili”, feito pelo confrade Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo.

Antes de falecer, a Universidade Federal de Zurich, em sessão solene, concedeu-lhe o título de “Doutor Honoris Causa”, e, após a sua morte, no ano de 1908, os herdeiros de Julius Meili, atendendo a desejo expresso quando ainda em vida, ofereceram à Confederação Suíça a sua extraordinária coleção de medalhas, moedas e cédulas do Brasil, para ficarem expostas no Museu Nacional de Suíço de Zurich. Embora esta coleção se refira a “Assuntos do Estrangeiro” e não caiba a rigor nas finalidades do Landes Museum, o governo suíço concordou com o pedido considerando o valor altamente científico do material da doação. Os objetos doados, admiravelmente classificados, eram acompanhados das três obras escritas pelo doador.

O acervo doado era composto de 3.115 moedas, sendo 474 de ouro, 670 de prata, 1.723 de cobre e bronze, e 248 de níquel e outros metais, e mais 390 medalhas, sendo 13 de ouro, 108 de prata, 223 de cobre, e 46 de outros metais. Total de 3.505 peças. A estas juntavam-se

mais 1.104 cédulas de papel moeda, todas devidamente catalogadas, e mais as insígnias de duas condecorações que Meili recebera em vida, dos soberanos da Itália e de Portugal, pelo reconhecimento do valor da sua inigualável obra numismática.

No relatório de 1910 do Landes Museum, consta que os herdeiros de Julius Meili doaram mais àquele Museu 32 moedas de ouro e 1.622 medalhas, jetões, etc., acrescentando que se incluindo à de 1908, aquela doação era “a maior e mais completa do Brasil existente no mundo, em mãos de particulares ou do governo”.

O público frequentador do museu, porém, pouco ou quase nenhum interesse demonstrou por essa coleção numismática do Brasil, “País Longínquo”, então pouco conhecido além mar.

Cogitou-se, então, em 1919, após a Grande Guerra que avassalara a Europa, de 1914 a 1918, de desfazer-se da doação Julius Meili, pois o Landes Museum já estava pequeno demais para caber tantos objetos a expor. Consultados os herdeiros de Meili, concordaram eles com a venda, sob a condição expressa de a coleção não ser dispersa. Todos os esforços, infelizmente, foram baldados e mesmo o governo brasileiro, a quem a coleção foi oferecida, nenhum interesse demonstrou.

Somente em 1935, um cidadão suíço, de nome Peter Spoery, engenheiro chefe de uma fábrica de fiação e tecelagem de São Paulo, mostrou interesse na compra da coleção, assim mesmo para completar a que já possuía.

Os únicos herdeiros de Meili, que ainda viviam em 1935, foram consultados e concordaram com as condições impostas. A coleção Meili foi, então, vendida a esse cidadão por 60.000 franco-ouro suíços, e essa importância foi aplicada pelo governo suíço, com a denominação de “Fond Meili”. Para poder introduzir a coleção no Brasil, o Museu Nacional Suíço entregou-lhe um documento que comprovava a compra dos objetos em boa e devida ordem.

E assim aquela fabulosa coleção, fruto de décadas e décadas de ingente trabalho, esforço e perspicácia, destruiu-se e desapareceu.

Naquele tempo — 1937 — o Brasil só pensava no seu “Estado Novo”. Mas não há como perdoar o seu governo por subestimar tão extraordinária coleção, não adquirindo o valioso acervo, que Meili, durante cerca de 25 anos — tempo em que residiu no Brasil — levou a aprimorar com tanto carinho, entusiasmo e amor.

A coleção perdeu-se, mas o nome de Julius Meili perdura, e a alcunha de “Pai da Numismática Brasileira” ficará eternamente na memória do Brasil.

